



Dulce

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Darlei Zanon*
Coordenação editorial: *Dílvia Ludvichak*
Gerente de design: *Danilo Alves Lima*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Cícera Gabriela Souza Martins*
Capa e diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Evangelista, Thais Evangelista
Dulce. O anjo bom da Bahia / Thais Evangelista, Frederico Brito ; ilustrações de Veruschka Guerra. - São Paulo : Paulus, 2023.
Il., color. (Coleção Amigos de Deus)

ISBN 978-85-349-5189-0

1. Santas cristãs – Biografia – Literatura infantojuvenil
2. Dulce, Irmã, 1914-1992 - Literatura infantojuvenil I. Título
II. Brito, Frederico III. Guerra, Veruschka IV. Série

23-4181

CDD 282.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Dulce, Irmã, 1914-1992 - Literatura infantojuvenil



Conheça o catálogo PAULUS acessando:

paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code.

Teleendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5189-0

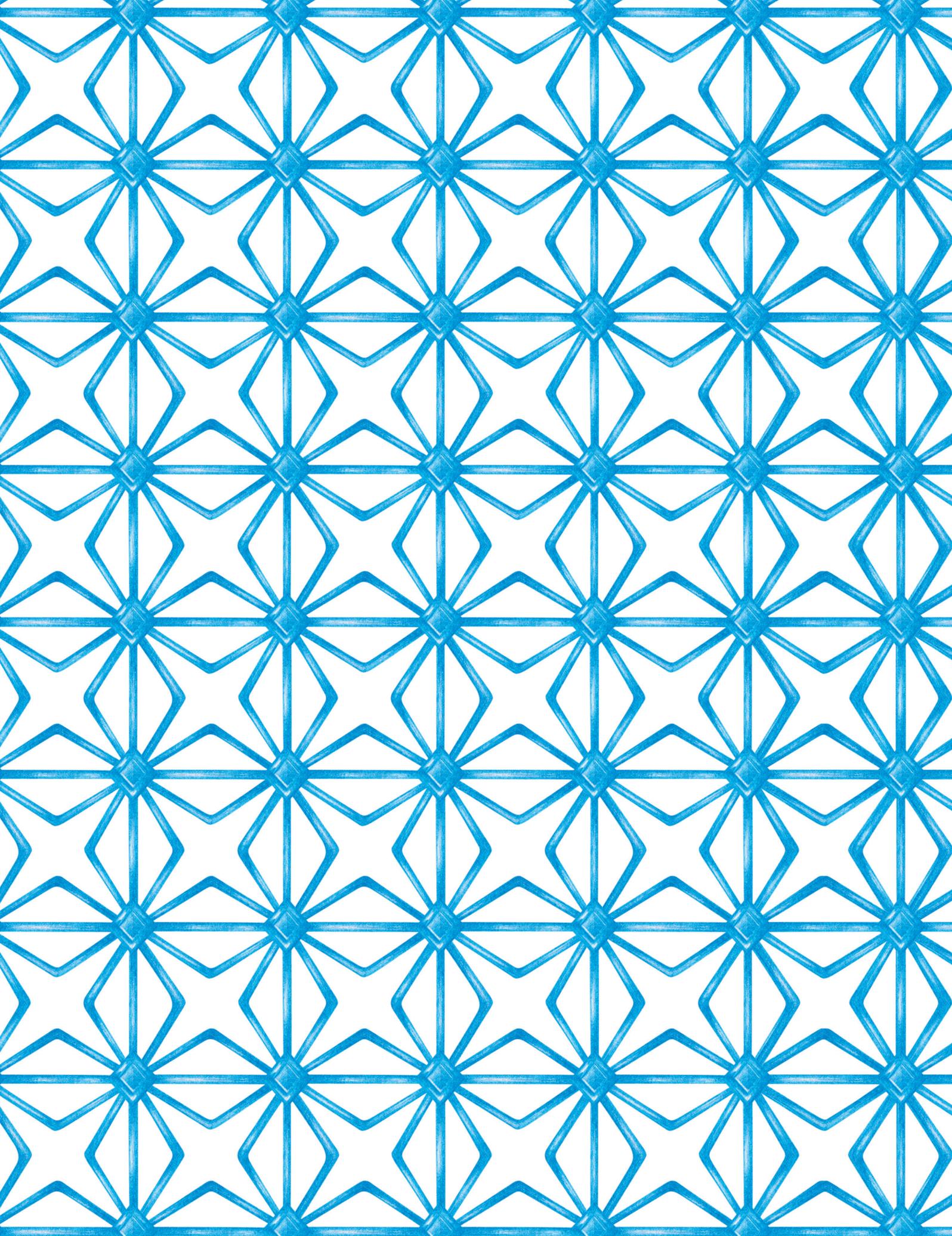
Thais Evangelista
Frederico Brito

Dulce

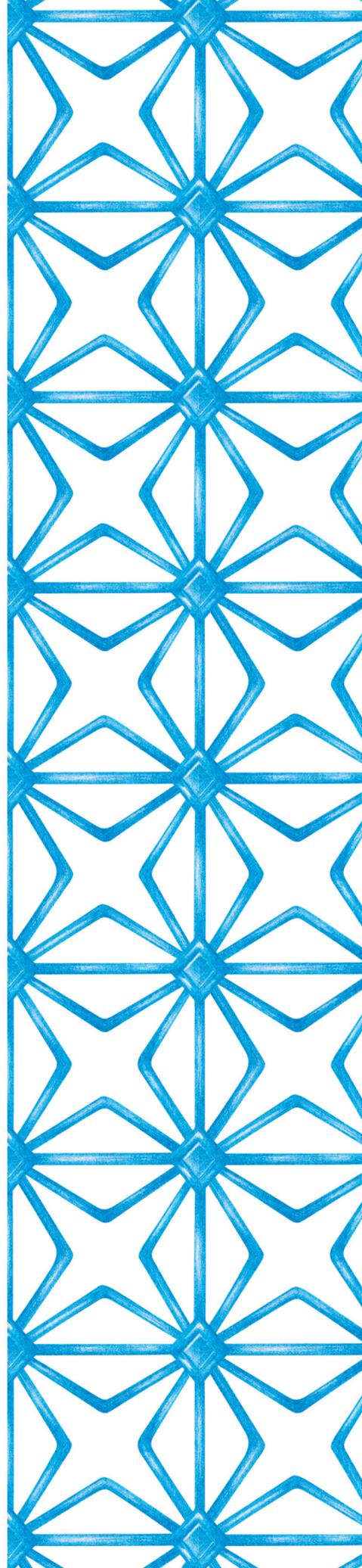
O anjo bom da Bahia

Ilustrações:
Veruschka Guerra





Para todos que acreditam
na força da fé, da caridade e do amor.





Dulce, o anjo bom da Bahia

meu nome é Theo e tenho 10 anos de idade. Gosto muito do meu nome, porque significa "Deus". Adoro fazer muitas coisas na vida, como brincar com meus amigos, andar de bicicleta, tomar sorvete e passear com minha mãe. Uma vez, caminhando com mamãe pelas ruas do Centro Histórico de Salvador, vi um casarão que tinha a cor azul do céu e que chamou minha atenção. O lugar era movimentado e, na entrada, havia uma placa onde estava escrito: "Irmã Dulce dos Pobres". Naquele instante, alguma coisa tocou meu coração. Percebendo minha curiosidade, mamãe contou que ali funcionava uma obra social da Irmã Dulce, uma freira caridosa que se tornou a primeira santa nascida no Brasil. Aquela era apenas uma das suas obras espalhadas na cidade, que cuidam de pessoas pobres, doentes e que vivem nas ruas. De noite, na hora de dormir, eu quis escutar a história da Irmã Dulce. Como mamãe é devota da santa, conhecia a vida dela com detalhes. Sentou-se na beira da cama, acariciou meus cabelos e pôs-se a falar.

Ela contou que Irmã Dulce nasceu em 26 de maio de 1914, em Salvador, e foi batizada como Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes. Entre seus familiares, a menina era conhecida carinhosamente por "Mariinha".

O pai, seu Augusto, era dentista e professor universitário. A mãe, dona Dulce, cuidava da casa e da família. Foi ela que ensinou Mariinha a fazer o sinal da cruz e a rezar. A menina tinha cinco irmãos: Augusto, Aloísio, Geraldo, Dulcinha e a caçula Regina. Porém, dona Dulce foi morar no céu com a pequena Regina após a filha vir ao mundo. Isso marcou muito o coração de Mariinha, que, na época, tinha apenas 7 anos, e fez com que ela carregasse a saudade da mãe por toda a vida.

Após a partida da esposa, seu Augusto precisou se esforçar para estar presente na vida dos filhos. Acabou se casando novamente, dessa vez com Alice, e, com ela, teve mais duas filhas. A convivência com a madrasta era respeitosa e pacífica. Na casa, havia imagens da Virgem Maria e uma de Santo Antônio, santo do qual Mariinha sempre foi muito devota. A menina teve uma infância cheia de liberdade e de brincadeiras na rua. Gostava de correr descalça, molhar-se nas fontes das praças, empinar pipa e fazer guerra de mamonas com os amigos. Apaixonada por futebol, era torcedora do Ypiranga, na época o time mais popular da Bahia, formado por trabalhadores e excluídos da sociedade. Mas, quando aprontava alguma travessura, o pai não a levava para ver o time do coração jogar no Campo da Graça, aos domingos.





Mariinha vivia no seu mundo de criança, até que, aos 13 anos de idade, sua tia Madalenhinha a levou para conhecer o "outro lado da vida", como ela costumava dizer. Naquele dia, foi com a tia visitar os pobres e os doentes no Tororó, um bairro modesto de Salvador. A menina ficou triste com o que viu e, a partir de então, tudo mudou dentro dela. Sentia que não podia ficar alheia à miséria e ao desamparo do outro. Deixou de lado as brincadeiras e o futebol para ocupar-se de questões que considerava mais importantes. Queria tomar conta dos enfermos e dos desvalidos. Assim, passou a recolher donativos para distribuir aos necessitados que chegavam à sua casa. Se estivessem feridos, ela mesma limpava e fazia curativos nos ferimentos. A procura por ajuda era tamanha que o pai, às vezes, reclamava, dizendo que ali não era a porta de um convento. Ao menos ele não a impedia de fazer suas caridades.





Aos poucos, Mariinha foi se apegando à religiosidade. Gostava tanto de ir à igreja que saía escondida, bem cedo, para participar da primeira missa da manhã. Depois, voltava para casa e fingia que tinha acabado de acordar, para o pai não desconfiar. Um dia, enquanto estava na missa, notou a presença de alguém se aproximando, que, para ela, parecia um anjo. Ao olhar para trás, percebeu que era uma freira. Naquele instante, sentiu uma emoção profunda e disse para si mesma que queria ser freira e fazer parte daquela congregação. Porém, na época, ela não foi aceita por causa da sua pouca idade. Na esperança de que a filha desistisse da ideia de ingressar no convento, seu Augusto propôs que ela se formasse professora primeiro. Só então ele a apoiaria a se tornar freira. No fundo, a menina sabia que o pai não via com bons olhos seu desejo de seguir uma vida religiosa – ele preferia que ela se casasse e formasse uma família. O que ele não sabia era que a família de Mariinha seria formada pelos doentes e excluídos, e que seu matrimônio seria com Cristo.

Durante os estudos, a jovem recebeu o apoio espiritual de frei Hildebrando, um amigo que a manteve firme no propósito de servir à Igreja. Depois que se formou professora – uma das melhores da turma, diga-se de passagem –, seu Augusto quis comprar um belo anel de formatura para a filha. Porém, ela recusou o presente e pediu ao pai que apenas a abençoasse e a apoiasse no sonho de tornar-se freira.